

fazer história contemporânea

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 11 • 2011

In Memoriam

Professor Vitorino Magalhães Godinho (1918-2011)

Luís Reis Torgal e Joaquim Romero Magalhães

Luís Reis Torgal, Professor Catedrático Aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coordenador do Grupo de Investigação “Arquivo da Memória e História do Século XX” do CEIS20. E-mail: lrtorgal@netcabo.pt

Joaquim Romero Magalhães, Professor Catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

O Professor Vitorino Magalhães Godinho foi para mim e para minha geração (deveria ser para todas as gerações) uma referência desde os anos sessenta, quando estudava História na Universidade, e ao longo da vida. Apesar de não manifestar tendência especial para a História Económica, a leitura dos seus livros e artigos, com uma outra visão, por exemplo, dos Descobrimentos ou da Restauração (objecto da minha tese de doutoramento) ou mesmo da sociedade contemporânea, tornou-se um hábito imprescindível do meu trabalho de aprendiz de historiador, de professor e investigador e de *homo politicus*. Era (e continua a ser) uma nova reflexão sobre a História, fundamentalmente sobre os Descobrimentos, a que mais se dedicou, temática que era vista oficialmente com o sentido de “história glorificadora” de Portugal. Assim, guardo com carinho e interesse sempre renovado, em encadernação de carneira, a primeira edição da obra imensa *Os Descobrimentos e a economia mundial* (2 vols, Lisboa Arcádia, 1963), o polémico livro *A economia dos Descobrimentos Henriquinos* (Lisboa, Sá da Costa, 1962), impedido de ser publicado na colecção oficial das comemorações do centenário da morte do Infante D. Henrique, *O socialismo e o futuro da Península* (Lisboa, Livros Horizonte, 1969), que recorro ter adquirido em Bissau, quando dramaticamente militava por terras da Guiné, bem como a sua *Revista de História Económica e Social*, iniciada em 1978.

Vitorino Magalhães Godinho deixou-nos em Abril e pouco mais devo acrescentar. Apenas direi que morreu um dos mais importantes historiadores portugueses. O resto deixo para ser comentado por um especialista de História Económica, historiador que conviveu de perto com o Mestre: o meu colega e amigo, desde os tempos de estudante, Joaquim Romero Magalhães, que publicou no *Jornal de Letras*, aquando da morte de Magalhães Godinho, um texto que, na primeira versão, se destinava a apresentar a 2.ª edição de um dos seus primeiros livros, *Documentos sobre a Expansão Quatrocentista Portuguesa* (Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2011).

A revista *Estudos do Século XX* não poderia deixar de assinalar o falecimento do Professor Magalhães Godinho. Fá-lo assim através de um expressivo texto de um dos seus discípulos mais queridos.

7 de Junho de 2011

Luís Reis Torgal

Há perto de 70 anos, o jovem professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa Vitorino Magalhães Godinho (1918-2011) entendeu ser necessário proporcionar aos seus estudantes apoios documentais para que pudessem estudar a expansão portuguesa. Queria levá-los a conhecê-la a partir dos testemunhos da época. E se assim pensou, melhor o executou. Desse intento resultaram três volumezinhos, com o desprezioso título de *Documentos sobre a Expansão Portuguesa*. (Lisboa: Vols. I-II, Editorial Gleba, 1943-1945; Vol. III, Editora Cosmos, 1956). O último já não serviu à finalidade para que o conjunto fora concebido, pois entretanto a Faculdade tinha entendido que esse docente destoava nessa escola. Todavia, esses volumezinhos muito serviram a quantos ao longo dos anos quiseram aprender a sério (e ensinar) alguma coisa de história dos descobrimentos e da expansão portuguesa. Documentos, que por si sós bastam para afastar os principiantes de interpretações e fantasias que ainda hoje alguns se entretêm a divulgar.

Os documentos eram apresentados com rigor erudito, com anotações rigorosas e com uma abertura problemática que deixava para trás todas as minudências que se costumavam ensinar (de que ainda há traços, infelizmente). Sem deixar de usar o que do apuramento factológico interessava, fugia-se às chatíssimas matérias que eram correntes no ensino: “a simples data de uma viagem, prioridade de uma descoberta, virtudes de um dirigente.” Bem ao invés, interessava ao seleccionador e anotador dos documentos apresentar questões e sugerir vias de estudo para elucidar as perguntas que se avançavam: porquê essa arrancada para além-mar, qual o significado de uma actividade que iria transformar o pequeno Reino do ocidente peninsular num império africano (depois asiático e depois ainda atlântico), como esta profunda transformação afectou o conjunto da população portuguesa e marcou o seu devir. E tantas outras questões pertinentes.

A Expansão Quatrocentista Portuguesa, na sua versão de 1944, foi a síntese problemática e explicativa resultante desse trabalho prévio. Apresentava-se num como que segundo painel do díptico de que o primeiro eram os documentos. E as duas obras mantêm-se ligadas. Por isso à reescrita de 2008, teria de seguir-se a republicação dos *Documentos*. A carreira posterior do autor, a partir de 1947 bolseiro e depois investigador em Paris, no Centre National de la Recherche Scientifique, não se compreende sem essa tarefa hermenêutica prévia que soube realizar e, caso raro, apresentar a público. Porque não houve muitos professores que tivessem ousado pôr em letra de forma as fontes de que se iam servindo para preparar as suas lições – e vamos aceitar que iam beber às fontes não se limitando a aurir as suas doutorices no que outros tinham escrito. Até os havia que não revelavam os autores que lhes serviam o alimento já digerido – embora muitas vezes o gato escondido deixasse o rabo de fora... Adiante.

Vitorino Magalhães Godinho simplesmente estudava, reflectia, trabalhava nos arquivos como poucos fizeram, escrevia uma obra imensa, cujos pródomos se encontram nas notas a estes *Documentos* que em boa hora a Imprensa Nacional / Casa da Moeda decidiu reeditar. Volumes que mereceram alguns retoques, que o autor não conseguia

resistir à tentação de mexer em obras já publicadas. Entendeu ainda – como já havia feito aquando da reapresentação de *A Expansão Quatrocentista Portuguesa* (Dom Quixote, 2008), dar-nos em breves linhas a história externa das obras: recordar como as autoridades ditatoriais receberam esses trabalhos. E aí vem a carta de Alfredo Pimenta a Salazar, denunciando-o como perigoso adepto de materialismo histórico (em companhia de Sílvio Lima!); o que poderá ter contribuído (ou ter estado na origem?) da manobra que levou Magalhães Godinho a deixar a Faculdade onde se formara. Será que essas perseguições e atentados à cultura recebem dos revisionistas tão em voga a merecida aprovação? Não é impossível.

Mas o que tinham de incómodo os *Documentos sobre a expansão portuguesa*? Vislumbram-se alguns motivos para essa irritação das autoridades: Magalhães Godinho estribava-se nos documentos mas a sua construção historiográfica tinha também alicerces em ideias de António Sérgio, Veiga Simões, Jaime Cortesão e Duarte Leite. E fugia ao que por esses anos apaniguados do regime como Alfredo Pimenta e João do Ameal propagavam como verdades oficiais. História que, essa sim, distorcia os documentos ou preferia as ideias vagas e invencionices patrioteiras à crítica histórica. Sobretudo que usava pretensas motivações político-religiosas para justificar uma imagem do passado que sustentava afinal a ditadura presente.

A reedição dos *Documentos* vem trazer ao ensino da História um contributo assinalável. Por eles podem os professores fazer chegar aos estudantes um conjunto de textos escrupulosamente anotados, segundo a abertura metodológica actual. Podem deitar fora quantas banalidades e frioleiras para aí ainda persistem e se ensinam e proporcionar uma formação séria e sólida pela aprendizagem de dinâmicos processos de ensino: que os estudantes tenham elementos para sustentarem o seu próprio esforço de descobrir. Que se embrenhem na busca da compreensão e da explicação de uma história que é forçosamente ao mesmo tempo geográfica, antropológica, económica, social e cultural. E só assim é possível aprender. O empinanço serve para passar nos exames – e papaguear a opinião do professor pode ser recompensador – em classificações. Mas não dá para aprender.

Foi a última publicação em vida de um texto de Vitorino Magalhães Godinho. Não será o último a surgir dos prelos porque o autor, na sua formidável velhice, foi incansável e deixou materiais apurados e prontos para a imprensa. Que os editores não-de fazer sair. Entre os livros preparados – e o contrário seria um vazio tremendo para os discípulos e admiradores – a edição refeita de *A crise da história e as suas novas directrizes*, de 1947. Trata-se de obra fundamental para se entender o que foi o magistério de Magalhães Godinho e para se evidenciar porque foi incómodo: cidadão que não vergava, historiador que não cedía a modas nem a tradições. Preferia o esforço interpretativo. Inapreciável lição. E lê-lo, e estudá-lo a mais adequada homenagem ao mais notável dos historiadores portugueses.

Joaquim Romero Magalhães